PERSPETIVAS DA CONTEMPORANEIDADE
N. 1 abril/2021 – Anual
ISSN 2184-9021
Disponível em: http://www.perspectivas.periodikos.com.br

Arte Têxtil e a COVID-19: Representações Femininas em Telas de Patchwork

Textile Art and COVID-19: female representations on patchwork canvas

Cristiane A. Fernandes da Silva
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
cristafs@alumni.usp.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9704-4717

Resumo

Representações sobre a atual pandemia de Covid-19 foram expressas em imagens têxteis produzidas por mulheres artistas-artesãs de *patchwork*, revelando impactos sociais e subjetivos daquela doença por meio de suas telas no Festival de *Quilts* de 2020 na Inglaterra. A imagem artística detém uma linguagem e comunica sentidos vividos pelos sujeitos sociais, logo, porta valores histórico e sociológico que qualificam a sociedade a que pertence. O procedimento metodológico da pesquisa derivou da seleção e análise de imagens costuradas em telas cujos apelos tratam do contexto pandêmico. Os motivos desses suportes têxteis são: ciência, orientações, meio ambiente, terapia, sociabilidade e emoções.

Palavras-chave: arte têxtil; *patchwork*; covid-19; representações femininas; sentidos socioemocionais.

Abstract

Representations on the current Covid-19 pandemic were expressed in textile images produced by women patchwork artists-artisans, which reveal social and subjective impacts of that disease through their canvases at the Festival of Quilts in 2020, in England. The artistic image holds a language and communicates meanings experienced by social subjects; thus, it carries historical and sociological values that qualify the society to which it belongs. The methodological procedure of the research derived from the selection and analysis of images stitched on canvas whose appeals deal with this pandemic context. The textiles' subjects are science, orientation, environment, therapy, sociability and emotions.

Keywords: textile art, patchwork, covid-19, feminine representations, socio-emotional senses.

Introdução

O foco deste estudo são as representações do acontecimento pandêmico de Covid-19 simbolizadas nas imagens de telas têxteis em *patchwork*, uma técnica fronteiriça entre a arte e o artesanato. Parte-se do pressuposto de que os artistas elegem motivos pictóricos à medida que são afetados por eventos em seu entorno, expressando em sua produção questões sociais.

Quilt ou *patchwork* é definido pela Associação Francesa de *Patchwork* como uma técnica de arte têxtil que ultrapassa a mera junção por costura de pedaços de tecidos reaproveitados, antes trata-se de "um espaço de liberdade, uma maneira de se exprimir sobre a atualidade política e social" (2020, s./p.); ou seja, paradoxalmente: um espaço de liberdade artística em um tempo de privação de convivência social causada pelo confinamento pandêmico. Na ótica dessa Associação, ainda que uma peça de *patchwork* apresente um motivo tradicional, a artista se mune de conhecimento, refletindo em sua obra criatividade e emoções eivadas de acontecimentos sociais; elaborando, assim, uma peça autoral e um documento histórico.

A pandemia de Covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020, impactou diretamente as relações sociais em todo o planeta terra, levando a uma série de medidas restritivas e preventivas nas relações entre os indivíduos para minimizar a disseminação da doença, cujo agente difusor são os seres humanos. Estes foram obrigados ao uso de máscaras faciais em ambientes públicos, impedidos de apertos de mão e abraços, impelidos ao distanciamento social e à prática da reclusão doméstica, onde passaram a exercer uma série de atividades remotas, como trabalho, estudo e contatos familiares e de amizade. Todavia, profissionais da linha de frente como na área da saúde, da alimentação e de todos os setores considerados essenciais continuaram expostos e mais vulneráveis ao contágio e à morte pelo novo vírus. Essa situação, ao lado das grandes controvérsias políticas polarizadas pelo mundo entre impor ou liberar decretos para o confinamento doméstico, bem como maiores dificuldades sanitárias incidindo sobre aqueles marcados por desigualdade socioeconômica, ocuparam o cenário mundial no ano de 2020.

Foi diante desse contexto de crise sanitária global, da necessidade do distanciamento social, do colapso econômico em decorrência da descontinuidade das atividades laborais presenciais, portanto de mudança drástica na economia e no estilo de vida, que feiras anuais de *patchwork* previstas para acontecerem presencialmente em 2020 no Brasil foram

canceladas, a exemplo do Festival Internacional de *Quilt* e *Patchwork* de Gramado, o maior nesse ramo das artes têxteis. Por consequência, os trabalhos de muitas artistas têxteis também foram interrompidos. Muito embora a feira *Patchwork, Arte e Design* tenha ocorrido em 2020, em São Paulo, foi realizada pela primeira vez em modo remoto e as telas da exposição Têxtil *Design* (2020) resultaram de uma seleção de suas antigas exposições ocorridas nos últimos 12 anos, portanto, sem incorporar o tema da Covid-19.

Já o Festival de *Quilts* de 2020 da Inglaterra, que também ocorreu virtualmente, contou com telas artísticas sobre a Covid-19 em várias modalidades da exposição, razão para este festival ser o objeto de estudo desta análise. Com vistas a compreender os sentidos simbólicos, sociais e históricos expressos nessas peças, os significados das imagens retratadas pelas artistas têxteis são concebidos aqui como um registro coletivo direto derivado do momento pandêmico vivido mundialmente.

Bergson (1999) enuncia noções instigantes sobre iconologia partindo do papel do corpo do artista ao selecionar imagens para serem objetos de representação, consequentemente levando às noções de percepção e afecção. O autor considera o mundo material a partir de um sistema de imagens, sendo o corpo (do próprio artista) uma parte desse sistema, entorno dessa imagem-corpo são elaboradas as representações, que resultam das influências estabelecidas entre as imagens, nesse processo é produzida a afecção, ou ainda o quanto aquele corpo é afetado pelo mundo material. Dessa feita, "a necessidade da afecção decorre da existência da própria percepção [...] [Esta] mede nossa ação possível sobre as coisas e por isso, inversamente, a ação possível das coisas sobre nós" (Bergson, 1999, p. 58). Constata-se aí uma relação dialética na qual o indivíduo afeta o seu entorno porque age sobre ele, no mesmo passo em que o seu entorno o afeta. Nesses termos, o autor evoca que: "nosso corpo não é um ponto matemático no espaço [...] não há percepção sem afecção. A afecção é portanto o que misturamos do interior de nosso corpo, à imagem dos corpos exteriores" (idem, p. 60).

Na acepção de Fischer (1967), a expressão artística transcende a de mero indivíduo e atinge a condição de membro de uma espécie que valoriza o viver coletivo e a experiência: "A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias" (p. 13). Fischer assinala ainda que "tôda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as idéias e aspirações, as necessidades e as esperanças de

uma situação histórica particular" (idem, p. 17). Esse autor classifica a arte em duas partes principais: o tema ou o assunto, que implica *o que* está pintado, e o conteúdo, que reside em *como* está pintado. Logo, uma análise sociológica deve, mais do que mostrar temas e assuntos de uma obra, imergir em seu conteúdo artístico, que segundo Fischer (1967) expressa as tendências sociais.

Samain (2014) preconiza a necessidade de se olhar para as imagens deixando-as nos provocar inquietação, pois elas não são meros atos e fatos, mas dada a sua temporalidade são: "lugares de memórias (lembranças, sobrevivências, ressurgências), revelações de tempos passados, de tempos presentes. Por vezes, até lugares de expectativas (esperanças, prefigurações de tempos que hão de vir, presságios, promessas, desejos)" (p. 53).

Valendo-se dessa ancoragem conceitual, analisam-se aqui as formas de representação da arte têxtil, motivadas diretamente da emergência sanitária pandêmica que afeta todos os habitantes do planeta. Tais telas de *patchwork* enquanto comunicação pictórica oferecem imagens peculiares, porém sob narrativas coletivas de artistas europeias e norte-americanas porta vozes dos seus meios sociais e de seu tempo, cujos sentidos se espraiam para outros continentes afetados pela pandemia de Covid-19.

Telas de patchwork e representações femininas diante da Covid-19

Fundado em 2003, o Festival de *Quilts* da Inglaterra reúne artistas do mundo todo. Conta com o maior concurso mundial aberto para exposição e competição de telas de *patchwork* e atrai, anualmente, mais de 26 mil participantes e 800 telas inscritas (Quilts, The Festival of, 2020). São quatorze as categorias para o concurso, entre as quais focam-se aqui seis daquelas que abordaram a Covid-19 com imagens e textos mais pormenorizados. As categorias técnicas e estéticas nas quais as telas concorreram no Festival são indicadas entre parênteses; todavia, para efeito específico desta análise, as telas foram reagrupadas conforme outra classificação consoante aos seus diferentes apelos subjetivos e sociais conferidos pelas artistas diante da pandemia.

As nomenclaturas atribuídas às telas em análise são: ciência, orientações, meio ambiente, terapia, sociabilidade e emoções. Cada obra é apresentada à luz das imagens e textos das artistas no intuito de compreender seus próprios sentidos, cujas expressões revelam

percepções intersubjetivas diante de um contexto social de crise sanitária pública em nível global.

Majoritariamente, são produções de autoria feminina. Das 14 telas selecionadas aqui, apenas uma é assinada por um homem. Praticamente metade dessas artistas são britânicas, as demais são oriundas dos Estados Unidos da América, Bélgica, Holanda, Itália, Irlanda, Suécia e Ucrânia. Portanto, as percepções costuradas nas telas guardam um olhar *a priori* acentuadamente europeu, todavia tratando de uma questão interplanetária.

1. Representações científicas em quilt

No primeiro grupo, há três telas com leituras sobre a ciência intituladas: "Vírus", de Gill Lamming (único homem); "Saudades do Laboratório", de Melissa Grant; e "Distanciamento Social", de Rosemary Muntus. O primeiro e a segunda artistas têm carreiras de professores e pesquisadores de Bioquímica. Influenciados por suas profissões passadas ou presentes e sugestionados pela mídia veiculando imagens, gráficos e diagramas sobre a Covid-19, os três artistas trazem representações em suas telas sobre aspectos visuais do vírus vistos por lentes microscópicas.

Fig. 1 - (primeira, à esquerda) "Vírus" – Gill Lamming, 2020 (categoria *Quilts* Contemporâneos).
Fig. 2 - (central) "Saudades do Laboratório" – Melissa Grant, 2020 (categoria *Quilts* em Miniatura).
Fig. 3 - (última, à direita) "Distanciamento Social" – Rosemary Muntus, 2020 (categoria *Quilts* Modernos).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/>)

Com efeito, há nessas representações de *quilt* uma transferência do saber-fazer científico para as telas dos artistas, que trocaram o laboratório e os seus instrumentos de cultivo de micróbios por linhas e tecidos, retratando um momento histórico no qual a ciência é desafiada na busca da cura por uma doença que perdura há meses.

Entretanto, ao mesmo tempo em que a pandemia de Covid-19 protagoniza a ciência como pedra de salvação com a futura produção da vacina contra esse vírus letal, ela revela uma sociedade contemporânea bipolarizada entre aqueles que creditam na ciência e aqueles que a rechaçam. São diversos os gêneros de negacionismo da ciência, desde os terraplanistas, que acreditam em Terra plana, os que creem em curas mágicas ministradas por grupos religiosos, até os que duvidam da existência do próprio coronavírus ou que o atribui à teoria da conspiração para diminuir a população mundial ou ainda à uma suposta radiação causada pela tecnologia chinesa 5G; todos fortemente divulgados em plataformas de mídia social, especialmente no *WhatsApp*, *Facebook* e *YouTube*, como pode ser verificado em pesquisas do *Kings College London* e revista *Psychological Medicine* (Eastn, 2020; Castro, 2020). Conforme estudos realizados no Reino Unido (idem), as pessoas que buscam informações nessas redes sociais, marcadas pela desinformação científica, anti-intelectualismo e por *fake news*, têm a tendência em quebrar as regras de distanciamento social e serem negacionistas.

Atitudes negacionistas diante da ciência e notadamente frente à Covid-19 têm se demonstrado em nível global, incluindo nações tidas como de primeiro mundo, onde sua população também é veementemente influenciada pelas redes sociais, sobretudo lideradas por grupos de extrema direita e ultranacionalistas. Mesmo na Alemanha, onde o terrível passado do holocausto contra os judeus poderia ter arrefecido ações genocidas e negacionistas diante da pandemia, também tem sido palco recorrente de manifestações contrárias ao distanciamento social e em apoio a teorias conspiratórias (Deutsche Welle Brasil, 2020).

Diametralmente a tais negacionistas, os *quilts* que representam imagens científicas do coronavírus, causador da doença respiratória Covid-19, cumpre papel histórico ao registrar na arte têxtil a função da ciência como guardiã da saúde e da vida dos indivíduos.

2. Quilt enquanto veículo de orientações de combate à Covid-19

Os dois *quilts* do segundo grupo denominam-se: “Covid-19 – o vírus que sequestrou 2020”, de Janet Bootomley, vencedora na categoria Desafios para Quilteiras de Guildas; e

"Lockdown", de Sue O'Riordan, esta deixou o trabalho de gestora escolar para se dedicar apenas ao *quilt*, já a primeira artista têxtil é professora universitária e ministra palestras sobre essa arte têxtil. Ambas as telas, diferente de praticamente todas as demais, recorreram à palavras e não à imagens, um recurso muito utilizado historicamente por mulheres com sentido político para reivindicar seus direitos, especialmente nos EUA.

Fig. 4 - (à esquerda) "O vírus que sequestrou 2020" – Janet Bottomley, 2020 (categoria Quilteiras de Guildas).
Fig. 5 - (à direita) "*Lockdown*" – Sue O'Riordan, 2020 (categoria *Quilts* Contemporâneos).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/>)

As palavras costuradas nas telas são: Na primeira: "#Fique em casa – #Fique seguro – #Distanciamento social – #Lockdown – #Licença trabalho – #Trabalhadores de linha de frente – #Auto isolamento – #O Novo Normal". A segunda tela repete os terceiro, quarto, quinto e sétimo termos anteriores, porém sem o hashtag, e acrescenta: "covid19 – proteção – equipamento de proteção pessoal – distância de segurança de 1,80m". Todas, palavras com teor de orientação sobre cuidados diante da pandemia, posição das artistas perfeitamente articulada as suas funções de mestres responsáveis em conscientizar os indivíduos.

As artistas mencionam o surgimento abrupto de novo vocabulário no contexto da pandemia, difundido pelas redes sociais, integrando a vida cotidiana. O título da primeira tela assume um peso sólido diante do impacto da pandemia nas experiências dos indivíduos ao expressar que essa doença sequestrou o ano de 2020, ou ainda o tomou à força interrompendo o seu curso não apenas cronológico, mas abortou ações dos indivíduos.

Sue O'Riordan alude com sensibilidade as razões de sua inspiração para criar a tela: "Eu queria capturar este momento único em nossa história [...] Durante o confinamento, senti como se nosso mundo estivesse fragmentado com novas palavras e frases pairando sobre nós, juntamente com a ameaça, ainda presente, do vírus".

Elias (1994) vincula o surgimento de novas palavras ao processo civilizador: "O aparecimento mais ou menos súbito de palavras em línguas quase sempre indica mudanças na vida do próprio povo, sobretudo quando os novos conceitos estão destinados a se tornarem fundamentais e de longa duração [...]" (p. 68). Assim, os desdobramentos de um processo global impactam nos modos de vidas e nas estruturas individuais.

A utilização do *quilt* como suporte para palavras e expressões de acontecimentos sociais é clássica nos Estados Unidos da América, sobretudo no período da Guerra Civil Americana ou de Secessão (1861 a 1865), tanto por escravos em busca de liberdade quanto por mulheres reivindicando direitos políticos. Os acontecimentos da Guerra Civil Americana não foram contados apenas pelo jornalismo e arte hegemônicos masculinos e brancos, mas também pelas mulheres por meio de escritas de protesto em seus *quilts*: "Negadas ao direito de votar em processo eleitoral e à igualdade social e política na era da Guerra Civil, muitas mulheres expressaram seus sentimentos através de mensagens simbólicas na arte do *quilt*" (Beebe, 2016, p. 2).

Os *quilts* desse período são artefatos de grande valor para a cultura norte-americana, com representatividade material, simbólica e social, compõem parte significativa de sua identidade e memória coletiva e servem de fonte documental para estudos de historiadores e ativistas feministas na área têxtil. Do mesmo modo, os *quilts* produzidos a partir de uma gramática da atual pandemia serão fontes para investigações vindouras.

3. Apelo do quilt em prol do meio ambiente

Apresentando uma perspectiva menos nostálgica do que comumente assumem os *quilts* sobre a natureza, este terceiro grupo detém posicionamento ecopolítico. O meio ambiente é uma constante entre os *quilts*, tanto em peças de artistas adultos quanto de crianças sensibilizados pela devastação da natureza em consequência das condutas humanas perniciosas. Toma-se aqui uma tela chamada "Poluição da Covid", das artistas italianas Christina Drace e Daniela Soravia.

Fig. 6 - “Poluição da Covid” – Christina Drace e Daniela Soravia, 2020 (categoria *Quilts* com Duas Pessoas). (Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/two-persons/>)

É sintomático as artistas serem provenientes da Itália, o epicentro da Covid-19 na Europa, que sofreu perdas colossais de vidas, especialmente da população idosa. Mas, o apelo dessa obra está dirigido não às vidas perdidas pela doença em questão, e sim aos objetos de proteção (máscaras e luvas) contra o vírus utilizados pelos indivíduos, ou ainda a necessidade de descartá-los em locais adequados, sem poluir o meio ambiente já fragilmente atingido por ações predatórias e descomprometidas com a sustentabilidade do planeta.

O apelo da tela converge não diretamente para o cuidado com as vidas humanas em sua dimensão micro, mas para a ameaça ao equilíbrio global da Terra dado o aumento dos dejetos. Os danos ambientais é uma vertente bastante difundida nos meios de comunicação contemporâneos. Não obstante, no que tange à Covid-19, a questão ambiental ainda não indica grandes proporções sobre o descarte dos equipamentos de proteção pessoal, como narrado nessa tela, inclusive as máscaras usadas em massa pelas populações mundiais são de tecido, um material reutilizável e biodegradável.

A tônica da relação Covid-19 e meio ambiente tem sido a origem da doença. A despeito de a mídia e as redes sociais terem veiculado os hábitos culturais dos chineses em

consumirem animais silvestres como a origem do vírus SARS-Cov2, uma síndrome respiratória aguda grave causadora do coronavírus, a literatura científica aponta outras razões responsáveis por zoonoses (doenças transmitidas por animais aos seres humanos) existentes em diversas sociedades, tais como: "expansão da população [...] mudanças climáticas, globalização e intensificação da produção animal" (Zanella, 2016, p. 510), especialmente aqueles animais criados em cativeiro e em escala industrial. Todas essas situações contribuem para a intensificação de mutações virais e a transmissão de zoonoses para os seres humanos.

No último século, 75% das doenças humanas são zoonoses, o que requer intervenções globais drásticas sobre o desequilíbrio ambiental, o regulamento sanitário e o controle das condições de produção e consumo animal tanto em escala industrial quanto artesanal (Zanella, 2016, p. 510). Todavia, a alimentação é um tema que extrapola a esfera governamental, uma vez que tem sentidos e hábitos culturais intrínsecos, levando à necessidade de um diálogo mais amplo junto às comunidades locais (Perrota, 2020, p. 5).

Para Paul Crutzen, laureado com prêmio nobel de Química: "A influência da humanidade no Planeta nos últimos séculos tornou-se tão significativa a ponto de constituir-se numa nova época geológica" (apud VIEIRA, 2016, s.p.). Trata-se da era Antropoceno, na qual "o homem começa a destruir suas condições de existência no Planeta" (idem). O modelo de desenvolvimento econômico capitalista exponencia a crise dessa era em função de sua lógica mercantil, consumista, de obsolescência de objetos e de descompromisso com a sustentabilidade.

Diante desse cenário de destruição planetária, uma alternativa seria: "um modelo de produção, consumo e de acumulação sobre bases coletivas, solidário, ecológico e justo, que vise a preservação da vida para enfrentar a gravíssima crise ecológica em curso, que se expressa nas dimensões políticas, sociais, econômicas, biológicas, ambientais e climáticas" (Albuquerque, 2020, pp. 89-90).

4. Arte-terapia com quilt

A tela representativa desse tópico tem a alcunha: "Obrigada pela costura", de Sandra Newton, vencedora na categoria *Quilts* em Miniatura. O título da peça já evidencia o sentido impresso pela artista, trata-se de um fraterno agradecimento pela costura, não para a sua própria pessoa, mas para toda a cadeia de mulheres envolvidas nesse ramo. A tela tem sete

figuras de perfil de mulheres trabalhando no processo da costura de roupas, bonés e máscaras, desde o tingimento do tecido, a lavagem, a secagem, a passagem à ferro, a criação do *design* até o corte e a costura. Entre as várias frases costuradas na tela, a que ocupa o topo diz: "Vocês coseram por causa da sua sanidade, por consolo, para manter suas mãos e suas mentes ocupadas diante do aumento das mortes e das imagens de trabalhadores da linha de frente corajosos, abnegados e assustados e que preencheram as nossas costuras".

Fig. 7 - "Obrigada pela costura" – Sandra Newton, 2020 (categoria *Quilt* em Miniatura).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/miniature/>)

Nesse passo, para além de uma função terapêutica diante da tragédia das centenas de milhares de mortos pela pandemia, continuar costurando, inclusive produzindo máscaras de tecido para ajudar a minimizar a transmissão da doença, cumpre uma função de saúde mental pessoal, mas sobretudo de saúde psicológica pública dessas mulheres que não aceitaram parar, mesmo quando o tom do *lockdown* imputa, em grande medida, essa necessidade. Embora outras telas tenham expressado a importância da manutenção das atividades das mulheres em grupos, guildas, associações e comitês que prosseguiram o seu trabalho durante a clausura contra a pandemia, a tela escolhida aqui em especial foi um tributo ao poder da costura por conseguir propiciar o "cuidado de si" (Foucault, 2004) das mulheres.

A arte-terapia é uma das importantes funções das artes manuais na esfera da saúde mental, incluindo a arte com retalhos, praticada em diversos países e em diferentes grupos sociais. Trata-se de um método consagrado no uso da expressão artística com fins terapêuticos, baseado em sua origem nas concepções de Sigmund Freud e Carl Jung e no Brasil nos psiquiatras Osório Cesar e Nise da Silveira (Reis, 2014, pp. 143-144). O princípio da arte-terapia é conceber o ser humano em sua criatividade estética e ajudá-lo a promover sua saúde e qualidade de vida a partir do "compromisso ético de contribuir para que o sujeito se (re)constitua como autor da própria história" (idem, p. 143). Na "arteterapia, o fazer artístico se constitui como mediação no processo de autoconhecimento e de (re)significação do sujeito acerca de si próprio e de sua relação com o mundo" (idem, p. 148); o que o *patchwork* cumpre com maestria.

5. Captura das lacunas da sociabilidade pelo quilt

Seguindo na mesma vereda de valorização do fazer das artes manuais, a primeira tela desse grupo tematiza o esgarçamento da sociabilidade em tempos de pandemia. Seu título é "O fio que nunca rasga", produzida pelo Ateliê de Costura Mágica, de Bruxelas, Bélgica; a única tela confeccionada por crianças e com maior ênfase para a técnica do bordado. Com o *lockdown*, essa escola teve suas atividades presenciais interrompidas, por isso criou uma "mala de ateliê itinerante", dentro da qual havia exemplos de pontos de bordado, material básico e vídeos explicativos. A mala itinerante ficava por alguns dias na casa de cada criança de 8 a 12 anos de idade, cada uma deveria bordar o que desejasse, a única regra era nunca cortar o fio do último ponto já que a próxima criança deveria iniciar a sua parte pelo mesmo fio. Simbolicamente, esse fio era a ligação que continuava entre as crianças a despeito do isolamento social pandêmico, e que segundo a professora os ajudou a superarem a dor desse período. As imagens dos bordados das crianças retratam atividades recreativas realizadas ao ar livre: bicicleta, cavalo, violão, balões, pipa, flores, pássaros, gato, raposa, sol, chuva, arco-íris, todos muito coloridos, mas sem crianças, salvo a presença de uma bailarina dançando sozinha. Não há nessa peça vestígios de eletrônicos, algo que certamente está saturando essa geração nativa digital, e com maior intensidade durante o confinamento.

Fig. 8 - “O fio que nunca rasga” – Ateliê de Costura Mágica, 2020 (categoria Escolas e Grupos de Jovens Quilteiros).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/schools-and-groups-of-young-quilters/>)

Um dos agravantes a respeito da sociabilidade digital infanto-juvenil são os desafios *online* (*challenges online*), cuja frequência foi acentuada durante a reclusão pandêmica. Muitos desses desafios envolvem a autolesão e até o risco de morte, o exemplo mais conhecido foi o jogo da “Baleia Azul” que aliciava jovens ao suicídio, já durante o período pandêmico muitos *youtubers* têm instigado o público infanto-juvenil ao “desafio do álcool em gel”, que envolve desde a sua inalação até a sua queima sobre o próprio corpo. Muito embora a própria OMS “Covid-19 *Parenting*” reconheça a relevância da internet na sociabilidade de adolescentes, faz-se necessário o monitoramento parental para mitigar os riscos à integridade física de seus filhos (Deslandes *et al.*, 2020).

O ambiente de confinamento aliado ao uso ostensivo das tecnologias de comunicação e da informação à distância também tem saturado a banalização e espetacularização da autoimagem e a exposição excessiva da privacidade, erodindo nas relações sociais a fronteira público-privado, tendo como um dos efeitos o estresse provocado pela falta de um refúgio para apaziguamento. Adicionalmente, a explosão de celebridades e mesmo de pessoas comuns em canais de redes sociais exacerbou no espaço doméstico a prática passiva dos *voyeurs*, criando “identidades abstratas” sem pertencimentos de relações sociais concretas, porém mais administradas pelo mercado capitalista de consumo (Carlos, 2020, p. 13).

Manter o distanciamento social tem sido a pedra de toque para o rearranjo das relações sociais durante a pandemia, o que é um desafio para uma sociedade urbana e aglomerada. Vale notar que distanciamento social não significa só uma métrica espacial pré-estabelecida entre as pessoas, antes implica mudança drástica nos próprios "modos de vida" dos indivíduos (Moreti *et al.*, 2020, p. 33); portanto, trata-se de um movimento disruptivo no âmago da sociabilidade, desarranjando os modos de as pessoas se relacionarem e trocarem vivências, experiências e afetos, logo, uma mudança vertiginosa na própria cultura secular do contato direto.

Em contraste com a paleta de cores alegres da primeira tela, a segunda, nomeada "Distanciamento Social", de Kathy Moore, apresenta cor de luto: preta contrastada com ocre, incomuns nos *quilts* que costumam exalar coloridos radiantes. Embora representada abstratamente sob formas geométricas e com sentidos difusos, quando aliada às palavras da artista, a obra ganha contorno de pesar diante da ausência dos amigos. A tela divide-se em dois momentos, do lado esquerdo tem fundo palha com três grandes bolhas pretas, relativamente distantes entre si, mas interligadas por tênues fios sinuosos representando os integrantes da família juntos, porém desguarnecidos de abraços. O lado direito da tela inverte as cores: fundo preto com oito pequenas bolhas palhas mescladas com tons pretos representam os amigos, também distantes entre si, e postos à sombra da luz, não podendo ser vistos e nem visitados. A artista alude que essa tela lhe será uma lembrança para se recordar "desta época estranha", um tempo da abundância de máscaras faciais e de equipamentos de proteção pessoal e da ausência de abraços.

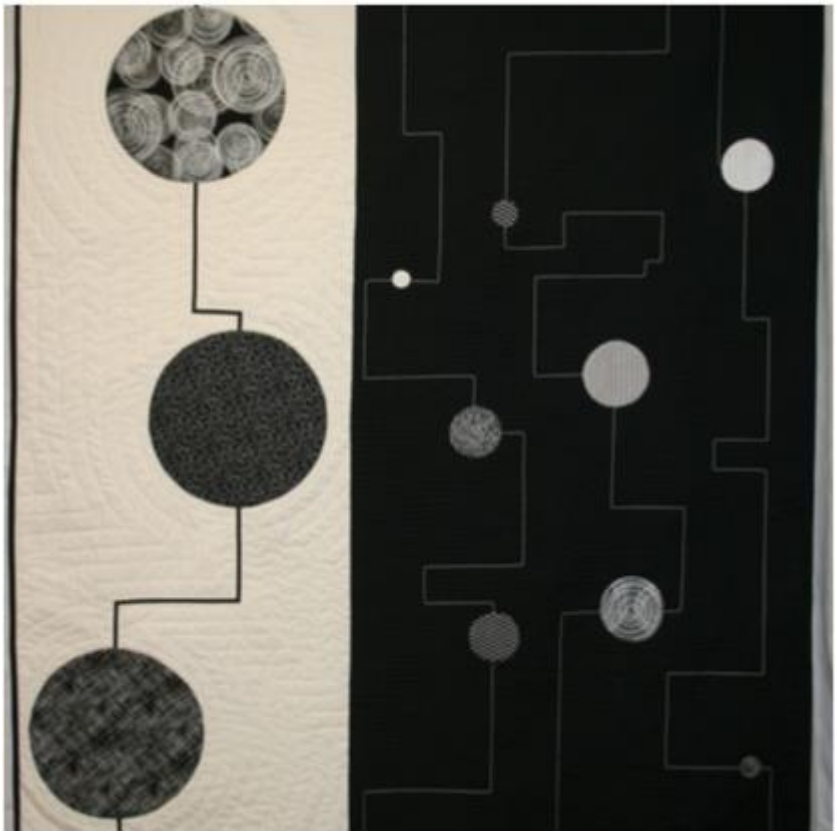

Fig. 9 - “Distanciamento Social” – Kathy Moore, 2020 (categoria *Quilts* Modernos).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/modern/>)

A terceira tela é intitulada “Desejo”, de Annie Henderson-Begg, que a produziu com dez tiras coloridas a partir das gravatas do seu falecido pai, agregando a sua obra duplo sentido: memória material e afetiva. Essa memória afetiva instigou a artista a pensar nas ausências provocadas pela pandemia, tanto dos lugares não frequentados quanto das pessoas não vistas.

Fig. 10 - “Desejo” – Annie Henderson-Begg, 2020 (categoria *Quilts* Contemporâneos).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/contemporary/>)

“Quarentena” é o título da última tela desse grupo, da sueca Anna Svensson, que utilizou a técnica do “*quilt* maluco”, junção de pedaços de tecidos em formas geométricas aleatórias, de colorido intenso e com pequenos bordados. Quando olhada em filigrana, a tela é composta por bordados com imagens da flora (pinheiro, cerejeira, malva-rosa/Alcea rosea) e da fauna (um gato preto, uma borboleta azul e outra amarela e um pintassilgo) vistas pela artista durante as suas caminhadas pelas ruas no período de quarentena; além de formas do coronavírus e do arco-íris em homenagem aos trabalhadores da linha de frente contra a pandemia. Suas palavras encerram nitidamente o sentido que imprimiu à obra: “O mundo encolheu para nosso pequeno apartamento nos últimos quatro meses, e todos os nossos planos

foram sendo gradualmente apagados do calendário. Este pequeno *quilt* é um reflexo tanto das limitações espaciais quanto da incerteza temporal".

Fig. 11 - "Quarentena" – Anna Svensson, 2020 (categoria *Quilts* em Miniatura).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/miniature/>)

O Museu Internacional do *Quilt*, nos EUA, exibiu a exposição "*Quilts* Malucos e mulheres malucas", um retrato histórico dessa técnica têxtil. O "*quilt* maluco" surgiu no último quartel do século XIX e incorporou em seus motivos a decoração japonesa e bordados ingleses, todavia trazendo um legado complexo, pois a abundância dos têxteis pós Revolução Industrial também acarretou mudanças econômicas e culturais significativas, incluindo os diagnósticos médicos: "As mulheres criaram *quilts* malucos numa época em que os 'especialistas' médicos do sexo masculino estavam patologizando amplamente as experiências físicas e emocionais normais das mulheres como histeria e loucura" (Museum, International Quilt, 2020, s./p.).

Costumeiramente, os "*quilts* malucos" continham inscrições, como datas e lugares demarcatórios de nascimento, casamento e morte da família e mesmo referências ao Estado, à bandeira e aos exércitos britânico e americano, com teor afetuoso, religioso ou patriótico. Tais marcos culturais e políticos nos *quilts* os colocaram como uma espécie de álbum de família

desencadeando prosas e reminiscências entre os indivíduos, por isso, muitas vezes, eram denominados de "*quilt* de conversa" (idem).

Uma das fortes reminiscências políticas do "*quilt* maluco", especificamente na Holanda, após a Segunda Guerra Mundial, provêm de mulheres que passaram a produzir saias com essa técnica como forma de recuperarem a auto-estima diante dos "efeitos devastadores da ocupação nazista". Essa prática foi inspirada em uma prisioneira, durante a ocupação nazista, que recebeu um lenço de retalhos de seus familiares, o que lhe serviu de conforto ao saber que era lembrada pelos seus entes (idem).

6. Emoções, covid-19 e suas expressões pelo quilt

Enquanto as telas do grupo anterior evocam a desestabilização da sociabilidade em tempos de pandemia decorrente da necessidade do distanciamento físico entre as pessoas, imputando o sentimento de solidão, as telas deste último grupo imergem mais profunda e nefastamente nas emoções vivenciadas pelos indivíduos reclusos.

Nesse contexto, é premente pensar os significados do corpo. Merleau-Ponty considera que o artista empresta o seu corpo ao mundo para transformar este em obra de arte: "O olho do pintor vê o mundo e o que falta no mundo para ser quadro e o que falta ao quadro para ser ele mesmo [...] O olho do pintor é aquilo que foi emocionado por um certo impacto do mundo e o restitui ao visível pelos traços da mão." (apud CHAUÍ, 2006, p. 482 e 484).

Destarte, a representação pictórica passa pelo crivo da afecção do artista em relação ao seu entorno. O contexto pandêmico implica experiências emocionais de sofrimento e medo de perdas, incluindo a vida, não havendo, portanto, como relegar o tema das emoções aqui.

Nas três telas desse grupo, a cor preta continua em destaque, em proporções distintas em cada uma delas. A primeira chama-se "Emoções do *Lockdown*", de Debbie Dolega, é composta por quadriculados coloridos apenas nas bordas da tela, no centro um losango em preto e branco como um tabuleiro de xadrez sobreposto por duas máscaras teatrais, uma exalando certa serenidade e a outra tomada por grande melancolia. Um jogo de emoções exibindo contrastes de cores e de sentimentos. A artista atesta em seu texto que sua obra retrata "cinco ondas emocionais chave que a maioria de nós experimentou no *lockdown*: descrença, raiva, tristeza, aceitação e otimismo".

Fig. 12 - "Emoções do *Lockdown*" – Debbie Dolega, 2020 (categoria *Quilts* em Miniatura).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/miniature/>)

A segunda tela, a mais sinistra de todas, intitula-se "Pendurado por um fio", de Denise Blay. Apresenta o aspecto de uma ultrassonografia, nela a artista usou basicamente a cor preta, especialmente no centro da tela, onde há um buraco, ao redor do qual são projetados raios acinzentados que eclodem para as bordas da tela, no meio do buraco surge um fio branco pendurado. Suas palavras evidenciam a tragédia do contexto que inspirou a tela: "O *lockdown* devido a Covid-19 fez com que muitos de nós se sentissem como se estivéssemos sendo arrastados para um buraco negro. Alguns, infelizmente, perderam suas vidas. Para outros, a clausura os deixou nus e pendurados por um fio".

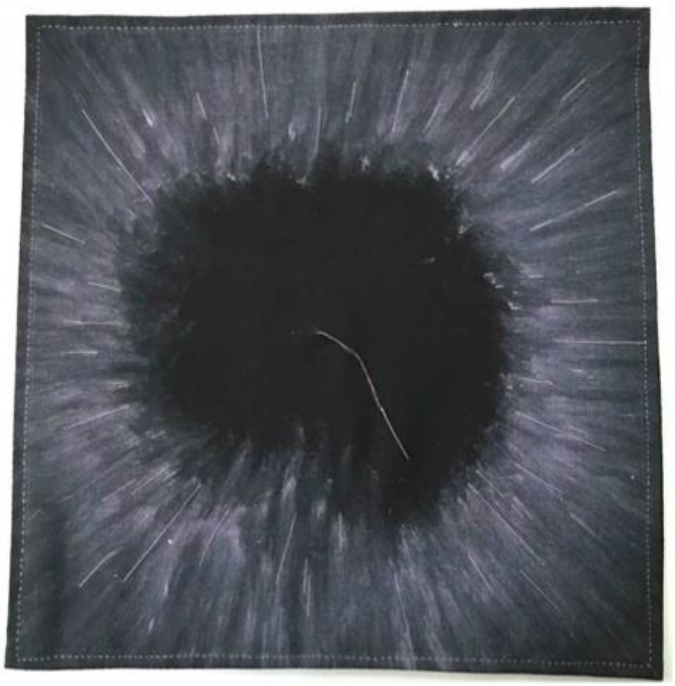

Fig. 13 - “Pendurado por um fio” – Denise Blay, 2020 (categoria *Quilts* em Miniatura).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/miniature/>)

“Presas em grades” é o nome da tela da ucraniana Oleva Pugachova. São exibidas seis coloridas borboletas sobrevoando com vivacidade, aparentemente livres, todavia em segundo plano os triângulos estampados nas cores preta e branca representam grades que as aprisionam. Para a artista: “O contraste entre as cores vivas das borboletas e o fundo acromático realça a dicotomia ativo/passivo, vivo/morto”. As borboletas representam as pessoas reclusas em quarentena, embora potencialmente livres. A oposição vida e morte testemunha um período pandêmico no qual a distância vivo-morto é muito tênue e abate com profusão sobre as subjetividades das pessoas.

Fig. 14 - “Presas em grades” – Oleva Pugachova, 2020 (categoria *Quilts* Modernos).
(Fonte: QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/modern/>)

Percebe-se nas narrativas das telas desse grupo a expressão do medo, um medo coletivo que atinge a todos globalmente diante da ameaça de uma doença letal e altamente contagiosa. Conforme Elias (1994), a força e a estrutura do medo e da agressão no indivíduo não depende de sua própria natureza, mas da história e de suas relações com os outros indivíduos. Trata-se de uma “economia das emoções”, cujas mudanças derivam das relações entre os indivíduos e as estruturas sociais marcadas pelos acontecimentos no espaço-tempo. É nestes termos que o medo da pandemia se apresenta, uma vez que vem de fora, do exterior, colocando-se como ameaça contra a vida dos indivíduos que vivem em sociedade. Dessa feita, o medo consiste em importante objeto de estudo sociológico por revelar aspectos advindos da coletividade.

O registro pictórico do luto e da morte contido nesses *quilts* emocionais denota-se na contracorrente da sociedade atual, cuja tônica reside no afastamento do testemunho dos indivíduos diante da morte. Elias (2001) censura o fato de a sociedade moderna isolar seus moribundos em hospitais impedindo os seus entes de compartilharem seus momentos finais,

comportamento oposto aos das sociedades pré-modernas. O autor reitera ainda que: “os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos”, pois os indivíduos da sociedade moderna e científica acreditam que “os outros morrem, eu não” (Elias, 2001, pp. 7-8).

Durante a crise sanitária e pandêmica, muito embora haja a denegação da morte causada pelo vírus, sobretudo por parte dos negacionistas da ciência, ao mesmo tempo avulta um número vertiginoso de indivíduos atemorizados pela iminência da morte precoce provocada pelo alto grau de contágio da Covid-19. Esse temor decorre, em grande medida, do fato de o novo e desconhecido vírus desafiar brusca e veementemente a ciência, que ainda não dispõe de cura para a doença, abalando a potência da razão científica no tratamento dessa patologia.

Na perspectiva de Didi-Huberman, as imagens e o saber visual são: “campo privilegiado de questionamentos sobre nossa história, apelos e gritos para tomar posição em nome do porvir de nosso planeta” (apud SAMAIN, 2014, p. 47). Sob esse olhar, o emprego não usual da cor preta e a centralidade da morte nesses *quilts* avultam-se como importante veículo histórico de registro do momento de ameaça global contra a saúde e a vida, de crítica à certa naturalização diante da morte (especialmente dos mais fragilizados em grupo de risco) e de apelo político para a conscientização e sensibilização pela vida.

Didi-Huberman (2018) considera as emoções como moções, em movimento, em ação, produzida no interior e no exterior do indivíduo, levando-o a perceber o mundo, transformando-o ativamente, assim, a emoção é constituída não por um “eu”, mas por um evento, trazendo em seu bojo o poder de transformação: transformar memória em desejo. O autor assevera que as emoções não se restringem à pura passividade, já que é por meio delas que o mundo pode ser transformado, a medida que as emoções são transfiguradas em pensamentos e ações. Ele conclui: “se não podemos fazer política efetiva apenas com sentimentos, tampouco podemos fazer boa política desqualificando nossas emoções” (Didi-Huberman, 2018, p. 38).

Nesse ângulo de análise, as emoções detêm características que transcendem a constituição pessoal e particular dos indivíduos, notadamente quando retratam um movimento que afeta a todos no planeta, indubitavelmente são sinalizadoras relevantes de seu tempo histórico. Eis aí, os apelos que permeiam as telas de *quilt* sobre os modos de afecção e comoção das artistas diante da pandemia de Covid-19 são referências cruciais para pautar políticas públicas e governabilidades atuais.

Considerações Finais

No contexto pandêmico de Covid-19, impingido pela insegurança e pelo medo do outro, agente de contágio do vírus, em uma sociedade organizada em malhas urbanas à base de aglomeração humana, sobretudo entre as camadas sociais menos favorecidas e com precários recursos sanitários para a higienização requisitada, intensifica-se entre os indivíduos a "pulsão de morte" (Gutiérrez-Terrazas, 2002). O contágio vertiginoso da doença leva a impactos profundos na sociabilidade uma vez que as medidas preventivas, como o distanciamento e o isolamento social, contêm distintas facetas: visa a proteção à vida, mas também imputa sujeição e controle social e pode dificultar o estabelecimento de empatia, uma conduta de convivência salutar para potencializar afetos e solidariedades nas relações sociais.

A acentuada carga simbólica das telas têxteis de *patchwork* analisadas aqui revela tratarem-se de objetos pictóricos oriundos da percepção e afecção das artistas diante desse acontecimento pandêmico, fortalecendo a perspectiva de serem artefatos culturais memoráveis e testemunhos de seu tempo histórico. A multiplicidade de representações apreendidas das narrativas das telas sobre esse acontecimento global apresenta às Ciências da Sociedade um grande desafio: não apenas "pensar a imagem", mas "pensar por imagens", desdobrando-as para atingir os seus "valores de uso" nesse momento de "virada cognitiva e comunicacional" (Samain, 2014), ocupando-se e preocupando-se não somente com a sua descrição, ilustração, registro e documentação cultural, mas, fundamentalmente, procurando "entender as pulsões e os sofrimentos do mundo, de transformá-los, de remontá-los em uma forma explicativa implicativa e alternativa" (Didi-Huberman, 2010, p. 191 apud SAMAIN, 2014, p. 53).

Se a autoridade da ciência, calcada na razão com o seu poder de cura diante dessa doença, mostra-se, momentaneamente, fragilizada dada a morosidade em desenvolver vacina e medicamentos contra o vírus SARS Cov2, resta, por ora, aos indivíduos o desafio da resiliência: desenvolver meios próprios para resistir as adversidades e, certamente, a arte têxtil é coadjuvante nesse processo ao facultar às artistas a possibilidade de sublimarem e apaziguarem-se, porém não sem tomarem parte dessa história deixando suas marcas, percepções e expressões de seu tempo nos tecidos.

Finalmente, do ponto de vista da sociabilidade pós-pandemia, ao cabo de perdas de centenas de milhares de vidas, de postos de trabalho destruídos, de atividades profissionais

qualificadas e de ensino reestruturados por meios remotos, fica a expectativa sobre que tipo de sociabilidade está sendo gestada no bojo desse processo: uma sociabilidade corpórea ou incorpórea? E com que potencial para suscitar a e-moção, a empatia, a solidariedade e a civilidade? Estaria a nova sociabilidade pós-pandêmica prenhe do *homo clausus* (Elias, 1994, p. 246), encapsulado dentro de si mesmo, apartado da experiência concreta com o mundo exterior ou a percepção desse mundo será apreendida por novas formas que saberão zelar pela condição efetivamente humana e civilizada?

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Esther Bemerguy de - Elementos para um programa de transição ecológica In CASTRO, Jorge Abrahão; POCHMANN, Marcio (orgs.) - *Brasil: estado social contra a barbárie* [Em linha]. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020, p. 85-104. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/brasil-estado-social-contra-a-barbarie/>. ISBN 978-65-5626-005-1>

ASSOCIAÇÃO FRANCESA DE *PATCHWORK* [Em linha]. França, 2020. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.francepatchwork.com/patchwork-creation-textile/traditionnel/>

BEEBE, William B. - *Intimate Parallels: The Art, History, and Activism of Civil War-Era Women's Quilt Art* [Em linha]. USA: Harvard Extension School, 2016. 157 p. Master's thesis. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://dash.harvard.edu/handle/1/33797287>

BERGSON, Henri - *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 291 p. ISBN 85-336-1021-1

CARLOS, Ana Fani Alessandri - A 'revolução' no cotidiano invadido pela pandemia. In CARLOS, Ana Fani Alessandri (coord.). *Covid-19 e a crise urbana* [Em linha]. São Paulo: FFLCH/USP, 2020, p. 10-17. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW:<http://geografia.fflch.usp.br/sites/geografia.fflch.usp.br/files/Covid_19_e_a_Crise_Urbana_v7.pdf>. ISBN 978-65-87621-03-6

CASTRO, Raúl - Covid-19. Narrativas y consideraciones sociales y políticas. Los otros virales. *Desde el Sur. Revista de Ciencias Humanas y Sociales de la Universidad Científica del Sur* [Em linha]. Lima. 12:1 (2020), p. 5-10. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <http://www.scielo.org.pe/pdf/des/v12n1/2415-0959-des-12-01-9.pdf>. ISSN 2415-0959

CHAUÍ, Marilena - Merleau-Ponty: obra de arte e filosofia In NOVAES, Adauto (org.) - *Artepensamento.* São Paulo: Cia das Letras, 2006. ISBN 85-7164-417-9. pp. 467-492.

DESLANDES, Suely Ferreira; COUTINHO, Tiago - O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da Covid-19 e os riscos para violências autoinflingidas. *Ciência e Saúde Coletiva* [Em linha]. Rio de Janeiro. 25:1 (2020), p. 2479-2486. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25suppl1/2479-2486/#>. ISSN 1678-4561

DEUTSCHE WELLE BRASIL - *Teorias da conspiração e extrema direita ganham fôlego com covid-19 na Alemanha* [Em linha]. 26 de maio 2020. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.youtube.com/watch?v=6UEN8vz0_vY>

DIDI-HUBERMAN, Georges - *Emoção! Emoção?* Trad. de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2018. 72 p. ISBN 978-85-7326-620-7.

EASTN, Mark - Coronavirus: social media "spreading virus conspiracy theories". *BBC News* [Em linha]. 18 de junho de 2020. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.bbc.com/news/uk-53085640>

ELIAS, Norbert - *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 107 p. ISBN 978-85-7110-616-1

ELIAS, Norbert - *O processo civilizador*. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 277 p. ISBN 85-7110-106-X

FISCHER, Ernst - *A Necessidade da Arte. Uma interpretação marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. 254 p.

FOUCAULT, Michel - A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In FOUCAULT, Michel - *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José - O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Ágora* [Em linha]. Espírito Santo. 5:1 (2002), p. 91-100. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982002000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. ISSN 1980-0096

MORETI, Sarah de Andrade; GUEDES-NETA, Maria de Lourdes; BATISTA, Eraldo Carlos - Nossas vidas em meio à pandemia da Covid-19: incertezas e medos sociais. *Rev. Enfermagem e Saúde Coletiva* [Em linha]. São Paulo: Faculdade São Paulo – FSP, 5:1 (2020), p. 32-41. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://revesc.org/index.php/revesc/article/view/57>. ISSN 2448-394X

MUSEUM, INTERNATIONAL QUILT - *World Quilts* – The crazy quilt story [Em linha]. USA: University of Nebraska-Lincoln, 2020. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <http://worldquilts.quiltstudy.org/crazyquiltstory/gender>

PERROTA, Ana Paula - Serpentes, morcegos, pangolins e "mercados úmidos" chineses: uma crítica da construção de vilões epidêmicos no combate à Covid-19. *Dilemas. Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* [Em linha]. Rio de Janeiro – Reflexões na Pandemia, 29 de abril de 2020, p. 1-6. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <http://ppgcs.ufrrj.br/wp-content/uploads/2020/04/PERROTA-Serpentes-morcegos-pangolinsFI.pdf>

QUILTS, THE FESTIVAL OF - Europes Ultimate Quilting Destination. *Quilt Competitions* [Em linha]. England, 30th july-2nd august 2020 [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.thefestivalofquilts.co.uk/beyond-foq-quilt-competitions/>

REIS, Alice Casanova dos - Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão* [Em linha]. Brasília. 34:1 (2014), p. 142-157. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11.pdf>. ISSN 1982-3703

SAMAIN, Etienne - Antropologia, imagens e arte. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman. *Cadernos de Arte e Antropologia* [Em linha]. Bahia. 3:2 (2014), p. 47-55. Disponível em WWW: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/391>. ISSN 2238-0361

TÊXTIL *DESIGN* – Exposição Internacional de Arte Têxtil. Curadoria de Zeca Medeiros [Em linha]. São Paulo, 28 Jul.-1 Ago. 2020. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <https://loja.patchworkarteedesign.com.br/contemporaneo/>

VIEIRA, Liszt - Antropoceno: uma nova era. *Revista Eco 21* [Em linha]. Rio de Janeiro, 2016. Edição 240. [Consult. 5 de novembro de 2020]. Disponível em WWW: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=4041>

ZANELLA, Janice Reis Ciacci - Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal. *Pesq. Agropec. Bras*. [Em linha]. Brasília. 51:5, (2016), p. 510-519. [Consult. 5 de novembro 2020]. Disponível em WWW: <https://www.scielo.br/pdf/pab/v51n5/1678-3921-pab-51-05-00510.pdf>. ISSN 1678-3921

Artigo Recebido a 21 de outubro de 2020 | Aceite a 20 de novembro de 2020